

INVISÍVEL

Como em toda manhã, a luz do sol nascente atravessou a persiana da janela do quarto bagunçado. Era segunda-feira, dia de retomar a rotina, então o homem se levantou o mais rápido possível para correr até o banheiro, escovar os seus dentes e se aprontar. Notando o movimento, um pequeno *schnauzer* preto foi ao encontro do seu dono. Aquele era Joko Solimões, que foi encontrado nas ruas da cidade, mas que logo se tornou um cachorro de casa. Ah, a cidade. Quantas maravilhas e desastres poderia fornecer?

Trabalho, seu destino era o trabalho. Ele caminhava agilmente pela rua para que não perdesse por nada a parada de ônibus. As calçadas pareciam estar em duas mãos, como em uma estrada: de um lado, pessoas iam para a escola, para a faculdade, para o trabalho... e do outro, também — nada de novo nisso. Havia rotinas e rotinas, mas nenhuma excluía o movimento. Para lá e para cá pela cidade, que se comportava como uma grande engrenagem, pessoas e veículos andavam em círculos, quadrados, triângulos para que chegassem aos seus destinos e fizessem o que faziam em todos os dias e em todas as semanas.

Embarcou no ônibus e, com sorte, se acomodou em um dos assentos. Longos minutos se perduraram dentro do transporte, mas ninguém fez questão de olhar para ele, e muito menos ele fez questão de olhar para alguém. Quando o ônibus freou em frente à parada na qual desejava descer, ele se levantou e se apressou para que não tivesse a mínima chance de atraso. De volta às calçadas, então.

— Bom dia, senhor!

— Bom dia, senhora!

Distribuía cumprimentos pelas ruas como uma abelha polinizando um campo florido. Cumprimentava e cumprimentava e cumprimentava. Seu cabelo era lançado para trás, como folhas ao vento, enquanto caminhava contra a ventania. Estava quase lá, quase chegando ao prédio que um dia fora seu sonho de infância...

Mas a vida tinha outros planos.

Enquanto o homem atravessava a faixa de segurança, um carro passou a mil pelo semáforo e por cima dele.

O homem permaneceu acordado por alguns instantes, reunindo as forças restantes para procurar pela calçada com as mãos, mas ninguém aparentava querer ajudá-lo. Uma cabeça baixa, um dedo no celular, passos que não frearam.

Afinal, era segunda-feira, e havia rotinas e rotinas, mas nenhuma o incluía.

Ele era invisível. Eram *todos* invisíveis.

Invisível, a palavra que ocuparia o lugar do nome do qual ninguém se lembraria no outro dia.

Essa era a natureza da sua cidade.

Gustavo Hennig - 2ª série - Narrativa ficcional

Texto vencedor - Geral, pela riqueza de elementos que constituem uma narrativa fluida e impactante, que conduz o leitor por uma rotina aparentemente comum, mas que culmina em uma reflexão profunda sobre a natureza humana, permeada de individualismo e indiferença social. As construções metafóricas enriquecem o texto, além do diálogo imagético com “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector. Fica no leitor não apenas a emoção da história, mas também uma reflexão sobre o quanto enxergamos — ou deixamos de enxergar — as pessoas à nossa volta.